

PANORAMA DOS MÉTODOS E TÉCNICAS EM GEOGRAFIA HUMANA: retrospectiva e tendências¹

Flamarion Dutra Alves²

Enéas Rente Ferreira³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer um panorama dos métodos e técnicas aplicados na geografia humana. De forma sucinta, far-se-á a análise de algumas metodologias nas diferentes escolas do pensamento geográfico, caracterizando-as e destacando as principais vertentes filosóficas e bases teóricas.

Palavras-chave: Metodologia, Método, Técnica, Geografia Humana.

Eixo-temático: Respuestas teórico-metodológicas de la geografía ante las recientes espacialidades;

INTRODUÇÃO:

Na tentativa de caracterizar alguns métodos e técnicas em Geografia Humana, primeiramente, far-se-á um esclarecimento sucinto entre método, teoria, metodologia, técnicas e procedimentos metodológicos. Isso por que, existe uma grande confusão na elaboração de projetos de pesquisas e desenvolvimento de trabalhos, com incoerências nas terminologias e uso equivocado entre esses conceitos.

Em seguida, se fará uma relação das bases técnicas e metodológicas com a evolução do pensamento geográfico, ou seja, a verificação dos métodos e técnicas predominantes nos diferentes momentos da ciência geográfica, no que tange a geografia humana, bem como suas vertentes filosóficas e bases teóricas.

Pierre George (1972) assinala que cada método usado nas pesquisas geográficas estão dotados de ideologias e posições epistemológicas, onde cada objeto estudado merece um método adequado pelo geógrafo. A negação ou aversão de correntes teórico-metodológicas envolve diversos fatores, que estão ligados pelas ideologias que cercam os pesquisadores. A possibilidade de valorizar a construção do pensamento geográfico é parte desse artigo, na medida em que se propõe analisar as contribuições de alguns métodos e técnicas nos estudos de Geografia Humana.

Pela diversidade de temas que o geógrafo pesquisa, George (1972, p.8) diz que “a geografia tem que ser metodologicamente heterogênea (...) entre as ciências da terra ou da natureza (...) é esta a razão pela qual ela se encontra continuamente empenhada na busca de

¹ Alguns fragmentos desse artigo foram retirados do texto “*Considerações sobre métodos e técnicas em geografia humana*” publicado na Revista Diálogo, Ribeirão Preto, v.4, 2008.

² Doutorando em Geografia e integrante do Núcleo de Estudos Agrários (NEA) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro-Brasil. Bolsista do CNPq. dutrasm@yahoo.com.br

³ Prof.Dr. e Coordenador do Núcleo de Estudos Agrários (NEA) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro-Brasil. eneasrf@yahoo.com.br

sua unidade”. A respeito dessa diversidade metodológica na Geografia, George (1972, p.8-9) afirma que a “a pesquisa geográfica recorre sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências de que se vale para chegar ao conhecimento analítico dos dados incluídos nas combinações que constituem o objeto de seus estudos fragmentários ou globais”. Entre esses métodos “não-geográficos” em sua origem, estão os métodos positivista, funcionalista-organicista, materialismo-histórico dialético, sobre esses métodos o autor diz que “não existe nenhum método geográfico para a abordagem dos dados sociais, econômicos, demográficos e culturais (...) existe uma maneira geográfica de confrontar os resultados” George (1972, p. 35).

O que acontece em muitos trabalhos é uma pré-determinação de sua metodologia científica, antes mesmo de conhecer e explorar a realidade em sua essência. Nesse ponto, concordamos com Morin (2005, p.36) quando diz que “O método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método”, em outras palavras, o método se ajusta com o fenômeno e não o fenômeno que se ajusta com o método.

Nesse sentido, se fará uma leitura breve de alguns temas pertinentes às questões teórico-metodológicas e técnicas nas pesquisas em Geografia Humana, nos diferentes momentos da história do pensamento geográfico.

Método e metodologia: definições e caracterizações

Para entendermos os diferentes métodos e técnicas, se fará uma breve distinção entre método e metodologia, no sentido de elucidar as terminologias e explicar suas diferenças.

Método: É um instrumento organizado que procura atingir resultados estando diretamente ligado a teoria que o fundamenta, conforme o Japiassú e Marcondes (1990) é um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado. Conforme Lalande (1999, p.678) o método é “o caminho pelo qual se chegou a determinado resultado”.

Na obra de Sposito (2004) o autor cita alguns elementos que estão imbricados no método como a doutrina, ideologia, teoria, leis, conceitos e categorias. Esses elementos é que dão uma característica comum e o diferencia de cada método.

Buscando caracterizar o método Bachelard (1983, p. 122) diz que “O método é verdadeiramente uma astúcia de aquisição, um estratagema novo, útil na fronteira do saber” onde o método científico é “aquele que procura o perigo (...) e a dúvida está na frente, e não atrás”, dessa maneira “não é o objeto que designa o rigor, mas o método” (1983, p.122).

Portanto, o método é uma maneira de obter os resultados, ou seja, o pensamento do pesquisador, utilizando-se de uma teoria para fundamentar, citando, por exemplo, método dialético, positivista, fenomenológico, hermenêutico, entre outros.

Metodologia: São os procedimentos utilizados pelo pesquisador, material e métodos, em uma determinada investigação, sendo as etapas a seguir em um determinado processo. Segundo Lalande (1999, p.680) “é a subdivisão da Lógica, que tem por objeto o estudo *a posteriori* dos métodos, e mais especialmente, vulgarmente, o dos métodos científicos”.

A metodologia contempla todos os elementos que constituem os passos a serem tomados na pesquisa (Esquema 1).



Esquema 1 – Organização da estrutura metodológica segundo seus elementos e alguns exemplos.
 Fonte: Alves (2008).

Esse esboço da estrutura metodológica ajuda a entender alguns passos da metodologia e de sua constituição. Porém, essa estrutura metodológica não se limita a esse esquema, sendo apenas uma referência para a montagem e execução de projetos de pesquisas.

Algumas técnicas na geografia humana

As técnicas de análise em uma pesquisa servem para coletar, extrair e elucidar informações de determinados objetos, pode se dizer que existem dois eixos principais nas pesquisas em Geografia, as qualitativas e as quantitativas. As pesquisas podem ser só qualitativas ou quantitativas ou também, um conjunto dessas duas pesquisas.

Nesse contexto, existem muitas técnicas que os geógrafos podem utilizar em suas investigações, as entrevistas são técnicas adequadas para coletar dados para as pesquisas qualitativas na Geografia Humana, sobre isso Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998) dizem que:

De modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p.168).

As entrevistas podem ser abertas ou livres, semi-estruturada, estruturada ou mista, a adoção delas varia de acordo com o objeto de cada geógrafo, no caso de uma pesquisa quantitativa com obtenção de dados tabulados, a melhor técnica é a entrevista estruturada com a utilização de um questionário, com perguntas de múltiplas escolhas. A entrevista semi-estruturada intercala questionários fechados com perguntas livres, cabendo ao geógrafo escolher a melhor técnica para proceder a pesquisa.

Uma técnica que auxilia na interpretação do método e dos conteúdos teóricos é a das palavras-chave. Essa análise do discurso e do conteúdo nas obras são técnicas que permitem ao pesquisador entender os escritos, mas lembrando que se deve analisar associada à conjuntura social, econômica e política, pois conforme Bray (1999, p.6) “o pensamento do geógrafo reflete as concepções científicas e ideológicas do seu tempo”.

A técnica das palavras-chave foi usada por Bray (1999) para desvendar a obra de Pierre Monbeig, onde:

Através da técnica das “palavras-chave” constatamos que Monbeig consagrou na geografia acadêmica brasileira o Positivismo comteano como método, a abordagem sistêmica-organicista como prática e os ideais do liberalismo político como doutrina, buscando nas suas análises a teoria do equilíbrio entre a sociedade-natureza e dos homens entre si, através da “geografia da solidariedade” (BRAY, 1999, p. 4).

Para se trabalhar com essa técnica é preciso ter um método que contemple a diversidade de temas e assuntos. Desse modo, Bray (1999) salienta o uso de diversos métodos para dar suporte nessas investigações, e o autor menciona o método hermenêutico, sociológico e psicológicos integrados para obter o conhecimento mais verdadeiro das questões. Junto a isso, o que deve estar presente é a análise da conjuntura, a importância do momento social, político, cultural e histórico em que o autor vive e escreve sua obra.

Geografia Clássica: Do método indutivo-regional as técnicas de observação-histórica

Durante o período que compreendeu a escola clássica ou tradicional da Geografia, as influências das correntes de pensamento alemãs e francesas predominaram nas bases teórico-metodológicas dos estudos geográficos.

Pierre Monbeig teve grande participação na ciência geográfica no Brasil, oriundo da França, o geógrafo em questão desempenhou um papel importante para a difusão do método regional e das técnicas utilizadas para esta metodologia.

Monbeig (1944a, p.9) faz algumas observações sobre os métodos científicos nos estudos geográficos, lembrando do método histórico “Basta citar a obra de Vidal de La Blache e seus discípulos para avaliar-se o papel essencial que o espírito e o método histórico devem desempenhar nos estudos e pesquisas geográficas”. O autor ao tratar sobre a inter-relação da geografia humana e a história cita Demangeon “a geografia humana estuda as relações entre as sociedades humanas e o meio no presente e no passado” (1944a, p.9).

França (1950) discute a influência francesa de La Blache e a alemã de Ratzel na geografia, e propõe algumas definições e objetivos da geografia humana:

Considerando, o homem como mergulhado no ambiente diverso e mutável que é a superfície da Terra, a Geografia Humana vem firmando o seu campo, nos dias atuais, como uma *Ecologia do Homem*, no sentido amplo de equilíbrio entre os indivíduos e sociedades com os ambientes. (FRANÇA, 1950, p.5).

O autor considera o homem um ser biológico, por isso a geografia humana tem que ser ecológica, nessa linha de pensamento, França (1950) se fundamenta em Max Sorre⁴, “O método utilizado é o das ciências biológicas, consistindo na observação e experiência, o que modifica a posição indutiva tão freqüentemente assumida nos trabalhos geográficos” (p.8).

Nesse momento, debatendo a formação do geógrafo, os métodos e objetivos da geografia Silveira (1945) faz algumas considerações. A respeito da formação do geógrafo, Silveira (1945) se preocupa com as questões metodológicas nas pesquisas geográficas. O autor já destaca a importância da pluralidade metodológica nos trabalhos geográficos “essa diversidade de escolas em interpretações e métodos tem que existir para que se não padronize exageradamente o raciocínio e a conquista dos geógrafos” (1945,p.989).

⁴ SORRE, Maximilien. **Les fondements de La Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1947-1949.

Ao mesmo tempo que Silveira (1945) critica o uso uniforme de método na geografia, chama atenção ao uso indevido de métodos e conhecimentos de outras áreas do conhecimento:

As fontes usadas apresentam métodos diversos, e via de regra, visam objetivos que não são geográficos. Os autores de tais fontes não sendo geógrafos em sua formação não aplicam métodos geográficos, e destarte, para a Geografia, suas conclusões atingem, apenas, aspectos dos temas. (SILVEIRA, 1945, p.690).

Dessa forma, Silveira (1945) reforça a necessidade do conhecimento metodológico pelo geógrafo, afim de satisfazer os objetivos da ciência geográfica:

Acreditamos que, na formação de um pesquisador, o que se deve desejar é a preparação de um especialista que possua conhecimentos do método geográfico em todo seu rigor e que seja capaz de, com segurança, atacar o que é interessante para a Geografia. Reunir os dados bons, indicar lacunas para serem preenchidas, relacionar todas as fontes com o fito de fazer sentir o conjunto de uma região, o equilíbrio e evolução de uma paisagem, é já ter avançado muito, é já estar em condições de prestar excelentes serviços à causa geográfica. (SILVEIRA, 1945, p.690).

A obra de Sternberg (1946) elabora de forma didática e ao mesmo tempo simplificada, quais os procedimentos que o geógrafo deve tomar para a realização de um trabalho de campo, destacando as características da Geografia Clássica:

Embora constitua uma simplificação, pode-se dizer que a essência do autêntico trabalho geográfico consiste em (1) observar, (2) registrar (e, implicitamente, localizar), (3) descrever e delimitar e (4) correlacionar e explicar os elementos constituintes da paisagem. (STERNBERG, 1946, p.26).

Gottman (1949) debate sobre a dificuldade em criar um método de análise na geografia humana ressaltando a influência dos métodos aplicados na geografia ecológica e regional, na qual consiste em analisar os aspectos naturais e em seguida relacionar com os aspectos humanos. Com isso, existe uma carência nas propostas metodológicas em geografia humana:

A matéria humana principalmente quando reveste a forma coletiva e social, é de uma fluidez extraordinária e os humanistas não dispunham de nenhum instrumento de análise, comparável aos que as ciências experimentais e matemáticas tinham descoberto para penetrar nos segredos dos fenômenos da natureza. (GOTTMAN, 1949,p.133).

Acerca da concepção determinista alemã na geografia humana, Gottman (1949) analisa tal influência nos trabalhos geográficos:

Poucos geógrafos pensam hoje em tais termos. O método geográfico mantém-se fiel à concepção demasiado puramente ecológica, herdade de Frédéric Ratzel. A ecologia é, sem dúvida, um instrumento preciosismo, mas dificilmente admite que o agente (sujeito) possa remodelar o meio, o que é,

entretanto, próprio do homem e constitui o aspecto essencial da geografia humana. (GOTTMAN, 1949, p.135).

Gottman (1949) lembra da influência francesa na geografia humana, mas critica tal utilização do método regional como principal meio de constituir uma disciplina científica:

Introduziu Vidal de la Blache na geografia humana um primeiro sistema, formulando a definição do gênero de vida que permite um esboço de classificação. Todavia o gênero de vida apenas serve como instrumento de descrição, descrição racional, é certo, mas em que a explicação ainda se limita a envolver e amparar a descrição, sem lograr libertar-se lhe e muito menos precedê-la. O princípio do gênero de vida repousa no regionalismo; não conduz a nenhuma concepção geral. (GOTTMAN, 1949, p.134).

Ainda para Gottman (1949), essa dificuldade metodológica na geografia humana se deve a mobilidade e dinâmica social, cultural, religiosa e econômica da população o que dificulta a quantificação dos resultados. Todavia, elenca alguns fatores positivos do método regional “os únicos princípios verdadeiramente gerais de que se serve a geografia humana, ainda são as noções de povoamento e de *habitat*. Noções vagas, mas implicando rico conteúdo funcional [...] senão em relação a sua *extensão*” (Gottman, 1949, p.135).

Nova Geografia: Método funcionalista e sistêmico, o espaço geográfico visto como um sistema / geossistema

Através da influência das ciências biológicas e naturais, o funcionalismo venho alcançar uma positividade prática e metodológica na Geografia (Bray, 1980). A relação entre organismo das ciências naturais e a organização do espaço da Geografia é fundamental para entender o método funcionalista.

Na obra *Princípios de Geografia Humana* La Blache faz a relação dos diferentes gêneros de vida, nas quais habitam de forma harmônica e coerente, com a natureza, em uma organização sistêmica onde cada gênero ou modo de vida têm uma “função” (Bray, 1980).

Com relação à idéia de elemento e função, o método sistêmico vem ao encontro do pensamento harmônico do espaço geográfico. A Teoria Geral de Sistemas⁵ dá sustentação a essa metodologia.

A noção de paisagem presente nos estudos da Geografia Tradicional foi “substituída pela noção de sistema espacial ou organização espacial, compreendendo a estrutura dos elementos e os processos que respondem pelo funcionamento de qualquer espaço organizado” Christofolletti (1976, p.13). Essa abordagem feita através da organização espacial remete a uma “escala variável conforme a grandeza do sistema que se deseja analisar” (1976, p.13). Nesse tipo de abordagem o geógrafo é que determina seus elementos e o universo que quer trabalhar, determinando as relações entre o homem e o meio, numa relação harmônica.

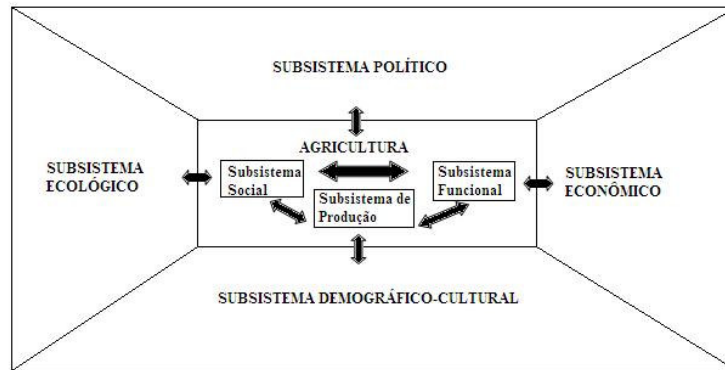
A utilização de técnicas estatísticas e matemáticas se difundiram, além do uso de aprimorado da cartografia através de fotografias aéreas e sensoriamento remoto. Nessa corrente do pensamento, faz-se a sistematização das informações adquiridas através de bases estatísticas e quantificáveis e modelar esses dados, configurando o real.

Conforme Andrade (1987, p.107) essa escola do pensamento possui tais características:

⁵ BERTALANFFY, L. von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

Esta corrente destacou-se por usar em larga escala os modelos matemático-estatísticos, desenvolvendo diagramas, matrizes e utilizando sempre a análise fatorial e a cadeia de Markov. (...) Uma ala intitulou-se de Teórica, para quebrar qualquer vínculo com os trabalhos empíricos, afirmando-se inteiramente comprometida com a reflexão teórica. (ANDRADE, 1987, p.107).

A partir da década de 1960, a Geografia Agrária brasileira introduziu em seus estudos o método sistêmico, José Alexandre Felizola Diniz (1984) se fundamentou no método neopositivista com abordagem sistêmica (Esquema 2) proposto pela UGI⁶ para elaborar suas pesquisas nesse período.



Esquema 2 - Sistema da Agricultura: subsistemas internos e externos, conforme a Comissão de Tipologia Agrícola. Fonte: Diniz (1984).

A abordagem sistêmica têm sua utilização mais freqüente na Geografia Física, porém há estudos em Geografia Humana com essa base teórico-metodológico, mas sua aplicação é muito mais difícil, pois envolve as relações sociais e as dinâmicas da sociedade, nas quais não estão em um sistema harmônico e hierarquizado.

Geografia Crítica: Método dialético, materialismo histórico e técnicas qualitativas

Uma das características dessa corrente é a análise as contradições postas pelo modo de produção capitalista na sociedade, através de uma abordagem histórica e dialética. A respeito do método, Moraes (2005, p.131) ressalta a diversidade metodológica na Geografia Crítica “esta apresenta um mosaico de orientações metodológicas bastante variado: estruturalista, existencialistas, analíticos, marxistas (em suas várias nuances), ecléticos etc. aqui a unidade se esvanece (...) como único traço comum, o discurso crítico”.

A contradição e o conflito são características básicas do método dialético, conceituando esse método Japiassu e Marcondes (1990, p. 167) dizem que “procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para chegar então a verdade, fruto da razão”.

⁶ União Geográfica Internacional criou uma classificação metodológica através da Comissão de Tipologia Agrícola, criada em 1964, visando construir uma classificação dos tipos de atividades agrícolas no mundo.

Uma obra básica dessa corrente é de Quaini (1979), quando ele discute a utilização das teorias e metodologias marxistas no estudo da Geografia, na qual a preocupação das consequências do capitalismo na sociedade devem estar nos objetivos da Geografia.

Os elementos básicos do pensamento dialético estão na tese, antítese e síntese, onde a tese é uma afirmação ou situação inicial, a antítese é o conflito da tese. Desse conflito aparece a síntese, que é uma condição nova que leva dentro de si elementos resultantes desse choque. A síntese transforma-se em uma nova tese, que se contrapõe com uma nova antítese criando uma nova síntese, num cenário complexo e contraditório.

Sobre a importância da história na dialética Demo (1985) ressalta que:

O dinamismo histórico da realidade é expresso em grande parte, por esta forma de visão, que admite ser ela um todo complexo, sempre com duas faces, como se fosse uma moeda; não há moeda com uma face só; mas, embora sendo duas, forma um todo. A polarização traduz a idéia de dinâmica e de contradição (DEMO, 1985, p. 88).

Dessa forma, a Geografia Crítica “tem a tendência a considerar o comportamento social como o resultado de um conjunto de elementos, alguns gerais e determinantes, outros particulares ou contingentes” (Gomes, 1996, p. 275). Para isso, alguns autores dessa corrente utilizam o método dialético que “permite a passagem da imagem caótica do real para uma estrutura racional, organizada e operacionalizada em um sistema de pensamento” Gomes (1996, p.281).

Através do materialismo dialético o conceito de espaço social na Geografia Crítica ganha importância, pois traduz a idéia das contradições:

(...) a dinâmica social inscrita em um espaço que é, ao mesmo tempo, reproduzidor de desigualdades e a condição de sua superação, o reflexo de uma ordem e um dos meios possíveis para transformar esta mesma ordem; enfim, o espaço faz parte da dialética social que o funda (GOMES, 1996, p. 297).

Portanto, uma Geografia Crítica resgata uma dimensão histórica, além da relação entre sujeito e objeto serem dadas contraditoriamente na medida em que o sujeito se constrói ele se modifica, em um movimento conflitante, onde o método dialético analisa a realidade, indo do real ao abstrato oferecendo um papel importante para o processo de abstração.

No materialismo histórico, o elemento básico na produção científica, literária ou artística é que as criações humanas, nos mais diferentes planos são expressões de uma visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas sim fatos sociais (BRAY, 1999, p. 11).

Os métodos utilizados na escola crítica vislumbram o social e seu processo histórico de formação, nesse sentido, as correntes teóricas marxistas predominam no conjunto das pesquisas geográficas. A atenção dada ao social, movimentos sociais é tão significativa que muitos geógrafos vão se debruçar em obras de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, economia, história, antropologia e filosofia.

Geografia Plural: Diversidade e pluralidade metodológica (Carência Geográfica ou Interdisciplinaridade?)

Após a década de 1990 houve um aumento na produção geográfica, e uma diversidade de temas, teorias, métodos, conceitos e técnicas empregados pelos geógrafos. Essa diversidade pode ser compreendida pela complexidade do espaço geográfico, conforme Edgar Morin (2005) que trabalhou com a tese da análise sistêmica e complexidade para os diversos fenômenos da natureza sendo de ordem (econômico, ambiental, cultural, social, etc) em sua obra *O método; a natureza da natureza* e propôs que os elementos não devem ser analisados de forma isolada uns dos outros e sim, analisados com suas inter-relações, pois há uma complexidade organizada entre os elementos. Essa complexidade conjuga diversas áreas do conhecimento, necessitando ao pesquisador um conhecimento de várias disciplinas, nesse caso entra em debate a interdisciplinaridade ou a carência geográfica dos trabalhos?

Uma dificuldade freqüente para quem estuda sistemas complexos, como a Geografia, é encontrar e adequar um método para sua utilização, pois seu objeto de estudo está em constante transformação e inclui elementos humanos, físicos e ambientais.

Sobre essa diversidade metodológica Oliveira Filho (1995, p.263) faz uma distinção entre *ecletismo* e *pluralismo* metodológico, considerando o primeiro como “patologia metodológica pode ser definido pelo uso de conceitos fora dos seus respectivos esquemas conceituais e sistemas teóricos, alterando os seus significados”. O uso indiscriminado de conceitos de diversas bases teóricas, ou até mesmo de autores com posições teóricas e metodológicas totalmente opostas são características desse ecletismo.

Oliveira Filho (1995, p. 264) deixa claro que o ecletismo deixa uma lacuna no que diz respeito a sua “esterilidade intelectual explicitada” e que:

O ecletismo impede que o autor adote claramente uma postura teórico-metodológica, a partir da qual possa incorporar outras contribuições conceituais, tipológicas, classificatórias ou teóricas em sentido forte, tendo grande dificuldade em apreender diferenças entre posições adotadas por autores e escolas com respeito às estratégias gerais de investigação (OLIVEIRA FILHO, 1995, p. 264).

Desta maneira, fica comprometido um estudo na qual se arma com uma diversidade teórico-metodológica, enquadrada no ecletismo, pois não corresponde em nenhuma vertente teórica ou escola, fragilizando um debate mais aprofundado.

Quando o autor escolhe e deixa explícito sua intenção em usar dois ou mais métodos, entendendo que somente um método não daria sustentação a investigação chamamos de *pluralismo* metodológico. Essa saída teórica é caracterizada por Oliveira Filho (1995) em *pluralismo interno* e *pluralismo externo*, o primeiro pode cair em certo reducionismo ou uma incompatibilidade entre as ciências, já o segundo é assinalado como:

Pluralismo externo evitará os perigos do ecletismo metodológico pela incorporação crítica de novas contribuições a uma postura teórica e metodológica inicial, que em constantes reelaborações, fruto do intenso diálogo, determinará os caminhos, decisões e apostas intelectuais (OLIVEIRA FILHO, 1995, p. 268).

Ainda sobre o pluralismo metodológico Demo (1995, p.52) analisa as contribuições dessa abordagem em Ciências Humanas:

(...) o pluralismo, compreendido como componente da discutibilidade, é parte integrante do processo de criação científica, porque funda o direito de divergir, o direito de produzir com originalidade, o direito de ser diferente, o direito à alternativa. Monolitismo reproduz ciências oficiais, sempre

mediócras, porque não são chamadas a criar, mas a bajular (DEMO, 1995, p.52).

Na Geografia há uma dificuldade de obter um método para a análise da organização do espaço, dependendo do enfoque da pesquisa o uso de um pluralismo metodológico é uma alternativa para alcançar os objetivos propostos. Porém, para que isso seja alcançado, as pesquisas devem priorizar o entendimento da organização do espaço, objeto de estudo da Geografia.

Considerações Finais

A dificuldade em encontrar um método e técnicas para a Geografia Humana é um desafio para quem trabalha com o social, devido à dinâmica e a velocidade de transformações que o espaço social sofre. E nessa pequena apreciação sobre métodos e técnicas ficou evidente que o geógrafo tem a liberdade para selecionar seu aporte teórico-metodológico, bem como as técnicas e materiais mais apropriados para sua investigação.

Essa diversidade metodológica na Geografia e a dualidade (humana x física) são situações que tornam a ciência geográfica complexa.

A cerca das utilizações de métodos distintos na geografia física e humana, Alentejano e Rocha-Leão (2006) discorrem da seguinte forma:

Vale destacar que o método dialético de investigação científica foi muito pouco aplicado ao estudo da natureza, sendo esse fortemente influenciado pelo método positivista, que separa o sujeito do objeto, embora as análises sistêmicas em Geografia física tenham ajudado a problematizar as relações entre o sujeito e o objeto. (ALENTEJANO e ROCHA-LEÃO, 2006, p.60).

A utilização de um método pré-determinado ou a idéia de que uma teoria possa responder todas as perguntas e questões existentes na organização do espaço são equivocadas.

As técnicas que são meios para se chegar a um fim, devem estar de acordo com a fundamentação teórico-metodológica e por isso, a seleção de um método não contempla essa diversidade técnica e teórica tão vasta. Cabendo ao geógrafo fazer sua escolha em relação ao método e técnica, pois a complexidade do espaço geográfico é profunda e deve ter cuidado para não cair em um reducionismo ou senso comum.

Referências

ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? p.51-67. *In: Boletim Paulista de Geografia*, n.84, jul, 2006.

ALVES, Flamarion D. Considerações sobre métodos e técnicas em geografia humana. *In: Revista Diálogo*, Ribeirão Preto, v.4, 2008.

ANDRADE, Manuel C. de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BACHELARD, G. **Epistemologia**. 2.ed.Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BACKHEUSER, Everardo. Alguns conceitos geográficos e geopolíticos. p.403-409. *In: Boletim Geográfico*. v.4, n.40, 1946.

- BRAY, S. C. Considerações sobre o método de interpretação funcionalista na Geografia. **Boletim de Geografia Teorética** (Rio Claro). v.10,n.20, p.33-43, 1980.
- _____. Da técnica das palavras chaves à história do pensamento geográfico. In: I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, v. 1, 1999. **Anais...** Rio Claro: IGCE – UNESP, 1999. p. 3-16.
- CHRISTOFOLETTI, A. As características da Nova Geografia. **Geografia** (Rio Claro) v.1, n.1, p. 3-34, 1976.
- DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.
- _____. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DINIZ, J. A. F. **Geografia da Agricultura**. São Paulo: DIFEL, 1984.
- FRANÇA, Ary. Novas diretrizes em geografia humana. p.3-11. In: **Boletim Paulista de Geografia**. v.5, jul. 1950.
- GEORGE, Pierre. **Os Métodos da Geografia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GOTTMANN, Jean. Acerca do método de análise na Geografia Humana. p.133-140. In: **Boletim Geográfico**. v.7, n.74, 1949.
- JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOARES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 20.ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. 2.ed. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- OLIVEIRA FILHO, J. J. de. Patologias e Regras Metodológicas. **Estudos Avançados** (São Paulo) v.9. n.23, p.263-268, jan/abril, 1995.
- QUAINI, M. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SILVEIRA, João Dias da. Formação do geógrafo moderno. p.689-691. In: **Boletim Geográfico**. v.3, n.29, 1945.
- SPÓSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- STERNBERG, Hilgard O'Reilly. **Contribuição ao estudo da geografia**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Serviço de Documentação, 1946. p.135.
- VICENTE, L. E. & PEREZ FILHO, A. Abordagem sistêmica e Geografia. **Geografia** (Rio Claro) vol. 28, n.3, p. 323-344, set-dez, 2003.